

Maurizio Ferrante*

Um Fim de Semana na Praia

Detalhe de desenho de Juçana Davet

O golzinho verde entrou na Rodovia dos Trabalhadores e seguiu em boa velocidade. Passou pelo aeroporto de Guarulhos, apinhado de Jumbos vindos de todos os lugares do mundo e agora descansando merecidamente ao sol de uma bela manhã de sábado. Depois pegou a Via Dutra. Percorreu o retão de Jacareí a 130 km/h e logo avistou à esquerda os prédios de São José dos Campos. À direita, o Jardim Satélite tomava forma, atrás das indústrias, perfiladas como sentinelas à beira da estrada. Curva à direita, parada no bar, ainda em São José: Coca-Cola, pão de queijo, café, banheiro e zuup pela Rodovia dos Tamoios. Ao chegar ao alto da serra, Francisca pediu para Ivo ir mais devagar:

- "Está lindo lá em baixo, cheio de sol, vamos ver a vista daqui. Nós nunca paramos."

O rapaz encostou num pequeno belvedere. Desceram. Eram ambos jovens, pareciam ter a mesma idade. Ele alto, ela esguia, morena de cabelos bem pretos. Lá em baixo a costa se desenhava contra o céu e o mar. Mais próxima, a mata atlântica mostrava só o cimo de seus mistérios. Francisca olhava, tranqüila. Ivo começava a se impacientar, mas não dizia nada; aspirou a presença e o perfume da companheira e não desejou perturbar sua paz. Ficaram assim talvez dois minutos e, como obedecendo a um sinal invisível e silencioso, encaminharam-se ao mesmo tempo para o carro. Dali a pouco estavam conversando, sentindo o ar fresco que entrava pelas janelas do carro, como fosse um terceiro alegre companheiro.

- "Claro, claro - dizia Francisca - é preciso limitar, não se pode falar QUALQUER coisa. Afinal, a mídia tem responsabilidades, mas você

precisa entender que a TV não é exatamente uma entidade educativa. E depois... limitar, mas onde está o limite a partir do qual se deve limitar, hein?" >>

- "Esse é outro assunto ..."

- "Não, não é outro assunto; esse é precisamente o foco da questão

. Quem o gênio que coloca os limites ? No começo é uma ONG qualquer, depois um advogado, depois um padre. E depois ? Um geneeeraaal ??" >>

- "Bom, bom, vamos jogar o assunto na arena ideológica, isso mesmo. Aí se pára de raciocinar; é bem mais fácil, não é ? Liberdade total é bem mais fácil. Se você polariza entre o bem e o mal, é tão fácil escolher o bem. Sabe o que eu li recentemente? Algo assim: "prender-se aos absolutos é a melhor maneira para viver uma vida sem efeito nem conseqüência". Significa que não devemos ser intelectualmente intransigentes, pois... "

- "Eu sei, eu sei, as coisas não são brancas nem pretas, são cinzas, etc. "

- "Eu não tenho certeza de que a liberdade a todo o custo seja o ideal. Também não é um ideal ético, pois, dependendo da posição que você tomar ... Se, por exemplo, o objetivo for a felicidade do maior número de indiví..."

- "Ah, isso é utilitarismo ultrapassado, Ivo. Eu só disse que se deve pensar muito antes de..."

E assim por diante. Não concluíram muito, mas aproximaram-se um pouco mais - da verdade? Não, aproximaram-se mais de Caraguatatuba. Ao chegar ao nível do mar, a conversa tinha mudado para as últimas dores de cabeça do trabalho de Francisca. Em seguida foi a vez desta ouvir, com o ar respeitoso que as mulheres fazem quando os homens falam de assuntos "de homem", a opinião de Ivo sobre o carro que ela queria comprar: é muito velho, a oficina, a pouca confiabilidade, não iria poder fazer viagens, etc. Mas, às vezes, talvez muitas vezes, ficavam em silêncio, um silêncio gostosamente compartilhado, apenas ouvindo o ronronar do carro. Em Caraguatatuba tomaram outra Coca-Cola. Francisca tomou a direção e rumou para a direita:

- "Caminho de São Sebastião - ela disse alto, com solenidade."

Guiava bem, rápido, com a cabeça ligeiramente levantada, olhos semicerrados a defesa do esplendor do dia. A estrada era cheia de curvas e ela se concentrava em manter a trajetória, que se desenhava perfeita. Ivo olhava seu perfil, grato de poder fazê-lo quase às escondidas e maravilhava-se de como era sempre novo, multifacetado pelas emoções, pela vontade de viver, pela curiosidade e capacidade de se maravilhar que caracterizavam Francisca, trinta anos, sua namorada há quase três.

Tinham-se conhecido na livraria de Ivo, logo depois deste ter iniciado a administrá-la. Era uma livraria tradicional, um pouco escura e certamente silenciosa; daquelas onde se pode passar uma inteira tarde chuvosa, ou

quente demais, conforme o gosto ou não gosto. Aquela tarde era chuvosa e o que Francisca procurava era um livro de poesia. Procurou, procurou e, no fim, resolveu perguntar a um cara com ar enfasiado, que fazia umas contas no balcão.

- "Rilke ? Mas Rilke só se lê até os dezoito anos", disse o cara sorrindo.

- "E daí? Não sabe que eu tenho sempre dezesseis anos?"

A Ivo, que tinha tentado ser engraçadinho, só restava ruborizar. Desesperadamente, até a raiz dos cabelos, como se diz, e talvez até um pouco mais. Até suou. Isso lhe valeu o perdão de Francisca. A chuva lá fora continuava. Rilke saiu da prateleira, mas eles não falaram de anjos terríveis, nem de árvores da vida e de sinais de inverno. Foram apenas trocadas algumas frases comuns, cuja banalidade escondia o desejo de se conhecer melhor. Francisca deixou a livraria com as Elegias a Duino e um livro de receitas "leves". O par de livros era muito Francisca, muito mesmo. Era a prática Francisca, que não era gorda demais, nem magra demais. Era Francisca que tinha seus dias de blues, e qual a melhor maneira de encarar um dia de blues senão lendo - Rilke? Prèvert, Drummond? Não importa quem, basta não se afogar esterilmente no blue. Certamente essa não seria Francisca, a moça que trabalhava a poucas quadras da livraria, onde tinha uma pequena empresa de editoração com uma sócia e um sócio. Faziam de tudo: diagramação de revistas e livros, folders de propaganda, cartazes... coisas do tipo. Francisca era arquiteta, mas enveredou pela computação gráfica após matutar bem sobre as vantagens e desvantagens do desemprego e subemprego. Após superar a desilusão inicial, o pai emprestou-lhe o dinheiro para montar seu negócio. Que ia bem, muito bem. O trabalho não era exatamente um jogo, mas certamente não era um jugo. E assim vivia Francisca, namorada de Ivo.

O carro estava agora rolando sobre os paralelepípedos das ruas de São Sebastião. Barulho surdo e trepidação. Conseguiram entrar diretamente na balsa, que já estava atracada. Foram os últimos a entrar, e o barulho do motor encobriu as palavras de Ivo. Não era nada importante, a conversa morreu ali e eles preferiram sair e ficar olhando a terra se afastar. Era um sábado, quase sete horas da tarde. Como sempre faziam, foram até a frente da balsa ver Ilhabela se aproximar. De longe a montanha, a longa costa e um formigamento de carros e pessoas que iniciava a ser distinguível, ali, no atracadeiro da balsa. Os grandes petroleiros atracados no canal ora pareciam preguiçosos hipopótamos, ora fantásticos navios, vindos de um além-mar cheio de mistérios. Olympic Flair chamava-se um deles, e tinha mesmo a majestade e arrogância de um deus grego. Francisca continuou na direção, saíram da balsa e tomaram o caminho do hotel. Ivo sentia-se seguro com Francisca guiando. Na verdade gostava de sua autoconfiança e força, talvez porque

em certa medida esses atributos lhe faltassem. Não se pode dizer que tivesse temperamento de líder e muitas eram as vezes em que, de bom grado, deixava essa posição aos outros.

Ivo tinha feito Engenharia, e era um bom engenheiro. Trabalhara em uma grande empresa petroquímica no sul do país e olhava hoje para aqueles anos - primeiro emprego, primeiro apartamento, vagos encontros - como um tempo feliz. Era alto, elegante, muito bonito mesmo, e por isso os encontros foram muitos e prazerosa era a liberdade. Um dia seu pai faleceu. De repente. O negócio da família era a livraria e houve muita agitação por conta disso, que culminou no retorno de Ivo a São Paulo para cuidar da própria, da mãe e da irmã menor. De início, o rapaz sentiu que tinham-lhe cortado as asas e não entendia por que a mãe, sempre tão independente, quase autoritária, de repente parecia ter perdido toda a energia e precisasse tanto dele. Mas Ivo acabou se acomodando; afinal, tinha crescido em uma família de livreiros, esses objetos sempre lhe foram amigos e confidentes. Passou a cuidar bem deles, e já tinha passado três anos na livraria, levemente empoeirado como os livros das estantes mais altas.

Chegaram ao hotel. Uma construção que exemplificava o estilo que faz com que não se saiba onde terminam a pedra, o tijolo e a madeira e onde começa a vegetação. A arquitetura brasileira é mestra incontestemente desse amálgama de vegetal e mineral, onde o jardim sobe pela varanda, as trepadeiras entram pelas janelas e o horizonte próximo é o perfil dos coqueiros e a mancha verde-amarela do bambuzal. O hotel era novo, e o gramado desaguava suavemente na praia. O mar, o canal de São Sebastião na verdade, era manso como um lago de montanha, e os barcos, ancorados em frente ao hotel, balançavam suavemente, tinindo as atigas enroladas em seus mastros. Francisca tirou os sapatos e foi direto para a areia. Esfregar os pés na areia e sentir seu abrasivo/quente abraço de boas vindas. A praia se estendia à direita e à esquerda, emoldurada por coqueiros que se curvavam quase até a água, tal como numa reverência oriental. Depois de deixar a bagagem no quarto, deram uma volta pelo hotel e viram que (i) era relativamente pequeno e tinha dois andares; (ii) tinha formato e comprimento de um terço de círculo, todos os quartos tinham sua varandinha e olhavam para a água; (iii) havia uma sala de estar muito cômoda e atraente, ocupando parte do primeiro andar. Sofás e almofadas à vontade, uma lareira e um bar com aqueles banquinhos altos que Ivo preferia a tudo - lembrança de infância talvez? Abajures muito bem distribuídos pela sala espalhavam uma luminosidade acolhedora e repousante. Atrás do bar o restaurante, e no ar o perfume de camarões sendo assados; (iv) no centro do semicírculo grama, árvores e pássaros. Terminada essa enumeração de coisas e lugares, falta dizer que o dono era francês, velho e cego de um olho. Simpático, um pouco insinuante, passou logo a tratar Francisca de "ma petite", e a se referir a Ivo como "le petit".



E o fim de semana passou como passam os fins de semana na praia. Leitura, caminhadas, preguiçosos mergulhos, caipirinhas e camarões fritos. Ou só olhar o mar. À noite os petroleiros pareciam edifícios de apartamentos flutuando na distância: a torre iluminada e o grande casco negro submerso na escuridão. A cada manhã tinham mudado de lugar: um se aproximara mais do porto, outro tinha partido para não se sabe onde. No domingo à tarde um petroleiro entrou no porto a laço de um pequeno rebocador. Estavam bem próximos da ilha e Ivo podia ouvir o ronco decidido do motor do pequeno David e as ordens gritadas a bordo do grande e obediente Golias. À noite Francisca e Ivo andavam pela praia até a vila, à procura de um restaurante, de um barzinho, uma cerveja, ou mesmo apenas olhar os pescadores no píer, dando banho em minhocas e em nacos de peixe. Nunca tocaram no golzinho verde, que descansava da viagem na sombra das árvores. Os dois tinham combinado ficar de sábado a

terça. Detestavam aquela volta maluca no domingo à noite, todos correndo, a cansa da segunda de manhã. Não, não, nada disso. Foi dado um jeito na livraria, a mãe de Ivo faria o grandioso sacrifício de ficar segunda e terça, e Francisca tinha dado uma adiantada em seus projetos, trabalhando os dois sábados anteriores. Estavam livres, e teriam o hotel, a praia, a ilha enfim, tudo para si.

No domingo à noite o hotel ainda tinha alguns hóspedes, que partiriam na manhã seguinte, felizes mortais, que não estavam amarrados ao horário inflexível do homo scribtorius ou do homo industrius. Mas Francisca e Ivo eram mais felizes ainda, embora igualmente mortais, e comemoraram sua liberdade com uma longa caminhada pela ilha. No meio da tarde o tempo mudou, bruscamente. O mar não mais tinha a mansidão de lago, a temperatura caiu e o céu se povoou de nuvens. Os pequenos barcos que singravam o canal pareciam ter pressa de voltar para casa, e os iates ancorados oscilavam como dançarinos subitamente enlouquecidos. Apenas os grandes petroleiros, íntimos de bem outras vagas, mantinham-se tranqüilos e impassíveis. Já perto do hotel, Ivo notou que as nuvens tinham baixado; uma delas vinha como que se apoiando na encosta da montanha, como uma branca e incorpórea avalanche rolando lentamente, na velocidade de um sonho. Então o cume da montanha desapareceu na nuvem, começaram os pingos de chuva - grossos - e ele e Francisca, de mãos dadas e correndo, chegaram bem em tempo ao hotel. Eram sete da tarde, e estava escurecendo de verdade.

A sala de estar estava vazia e ainda não tinham acendido as luzes. Com um guardanapo de papel Ivo enxugava os cabelos.

- "Vamos comer aqui, acho. Certamente hoje não vai parar de chover. Mas será que tem jantar, Francisca? >>

- "Tem, sim - respondeu uma voz - nós também temos que comer, não é?" >>

Era o cozinheiro, que tinha subitamente surgido atrás de Ivo. Eles já o conheciam. Era um crioulo simpático, sempre com o chapéu de mestrecuca na cabeça. Deu a volta e entrou atrás do balcão do bar.

- "Temos pescada com molho de camarão e também lulas fritas, se quiserem. Hoje comprei verduras, espinafre, couve-flor. Posso fazer couve-flor au gratin se quiserem. Façam sua escolha. E agora, que tal uns aperitivozinhos?"

Sua voz era cordial e ele mantinha aceso seu sorriso de dentes branquíssimos. Ligou um abajur, apenas um, e a luzinha perto da caixa registadora. Lá fora a chuva continuava forte e uma rajada de vento enraivecido fez Francisca tremer de frio. Ivo pediu caipirinha para os dois. O cozinheiro preparou três, uma para si mesmo, mas o fez com lentidão irritante. Por fim alinhou os três copos, pegou um e, batendo-o de leve nos outros dois, perguntou:

- "Gostaram do hotel?" - e, ao ver os dois assentindo, emendou - "Espero que voltem. E que fiquem também em dias de semana. São muito chatos os dias de semana aqui. Nada para fazer. Eu gosto de trabalhar. E na semana não há trabalho."

Um barulho atrás de Francisca e ela se virou assustada. Era a camareira, aquela bonitinha que limpava o quarto. Naquela mesma manhã, ao saírem, cruzaram com ela, com seu short apertado, e, depois de alguns passos, Ivo disse, com falsa seriedade: << "Opa, esqueci o relógio, vou pegar" >> e tudo terminou em risadas, com Francisca arrastando-o para longe do quarto, que a camareira tinha começado a limpar.

Uma fração de segundo antes do barulho de passos, Ivo tinha percebido que os olhos do cozinheiro se tinham movido de sua pessoa para um plano atrás de si. - Aah! - pensou - esses dois se traçam. Felizardo ele.

A jovem deu boas noites, girou em torno do balcão do bar e sussurrou algo ao cozinheiro. Daí, sem hesitar, serviu-se generosamente de bebida. Whisky do melhor. Em um ato reflexo Francisca perguntou:

- "Onde está o Marcel?" -

E logo mordeu os lábios, arrependida. Não devia fazer essa pergunta, estava tão claramente associada à prodigalidade com o whisky, que soava quase como uma censura, uma chamada.

- "Em São Paulo. Foi essa manhã. Querem whisky? É por conta da

casa, mas uma vezinha só, viu? É mais chique que essa caipirinha."

E riu, cascadeante, com a cabeça deitada para trás. Tinha-se tornado de repente íntima, insinuante. Francisca teve inveja de seus maravilhosos dentes, da elegância que seu corpo desenhava, uma silhueta curvada para trás, os seios empinados e destacados contra a luz da pequena lâmpada da caixa registradora. Olhou para o cozinheiro e viu que esse também estava rindo, de um riso silencioso, os lábios cerrados. Ria sobretudo com os olhos, reduzidos a pequenas luzes brancas encaustadas em duas fendas estreitas.

Francisca teve medo e um calafrio passou por sua medula. Como num sonho mau, como se a asa de um demônio a tivesse roçado.

A sala era uma sucessão de cantos escuros onde, como grandes animais negros, deitados, aninhavam-se sofás e almofadas. Havia pequenos barquinhos, réplicas de barcos de pesca, pendurados aqui e ali. Com a brisa oscilavam em um mar invisível e de suas sombras nasciam nas paredes estranhos bailados. O cozinheiro remexeu nas fitas cassetes e colocou uma música, uma espécie de Olodum, possante, quase ameaçador, exalando urgência. O riso da camareira foi lentamente se apagando, transformou-se em sorriso. Ela olhava fixamente Ivo. O cozinheiro olhava para ela.

Uma quinta pessoa entrou na sala. Era o faz tudo, o que cuidava do jardim, carregava as cadeiras de praia para dentro ao cair da noite, o que, de barquinho, levava e trazia os hóspedes que ancoravam os iates em frente ao hotel, limpava isso, limpava aquilo. Parecia ser eternamente mandado e não mandava em ninguém. Era extremamente forte, corpo de atleta mas mãos e rosto estranhamente envelhecidos, como as tartarugas. Ele não se aproximou do grupo, sentou-se em uma almofadona e se pôs a ler uma revista. Francisca lembrou que nunca o tinha visto ali, na sala, no restaurante. Mas agora ele entrava e se sentava como se a casa fosse sua.

O vento tinha amainado, a chuva se fora e a fita terminara. Seguiu-se um longo silêncio, estrondoso nos ouvidos de Francisca. Mas aos poucos os sons recomeçaram: era a conversa da camareira, era uma espécie de canto-sussurro do cozinheiro. O mar splashava com gosto na praia e a escuridão parecia ter aumentado. O homem sentado no canto se levantou e apontou para a garrafa de whisky. Foi servido pela camareira, que se encostou nele e sussurrou-lhe algo no ouvido. O homem riu. Os olhos brancos do cozinheiro seguiam atentamente os dois, não perdendo nenhum movimento. Ele tinha tirado o chapéu e o revirava devagarinho entre as mãos.

De repente Francisca percebeu: "Estão todos bêbados - ou drogados. Não param de olhar para nós". Lembrou que próximo ao hotel não havia nada num raio de centenas de metros. As luzes das outras casas formavam um distante semi-círculo; do outro lado, só a escuridão do mar. Estava com medo. Um medo interno, que a devorava toda. Chamou:

- "Ivo."

A voz devia estar fora de tom, uma oitava acima talvez, pois o rapaz

atendeu imediatamente. E, contaminado pela escuridão, pela atmosfera, pelos cheiros, entendeu.

- "Vamos dar uma volta pela praia, esperando o jantar?"

- "Vamos, sim - e dirigindo-se para o cozinheiro, que na verdade não tinha arredado pé detrás do bar - Quando estará pronto?"

- "Tranquilo...dá prá dá uma boa volta na praia."

- "Uma hora?"

- "Uma hora... Ah, dá pra várias jantadas uma hora."

E riram todos, até o homem que não mandava em ninguém ria de seu canto escuro. Francisca e Ivo já estavam pisando a areia e ainda ouviam as risadas. Maldosas. Como o cheiro que se desprendia em ondas daqueles corpos, algo que tinha a ver com cio.

Logo os dois estavam longe. Pela areia andaram até a vila, onde todos os restaurantes melhorezinhos tinham fechado. Acabaram numa espécie de lanchonete onde até que comeram bem, e surpreendentemente beberam melhor ainda: o vinho branco estava bem gelado e uma brisa leve entrava pelas portas do pequeno restaurante, após ter roçado léguas e léguas de mar aberto e se misturado com a já tão distante chuva.

- "Estão completamente bêbados, não percebeu? Pensei que iriam nos atacar."

- "Calma, Francisca, calma. Beberam sim, mas também não exagere. São as mesmas pessoas de ontem e de anteontem, não? Eles não têm nada de especial, acho que foi o ambiente que te impressionou. A mim também um pouco, mas daí a nos atacar..."

- "Mas não percebeu como nos olhavam? Estavam mais que bêbados, não sabiam o que faziam. E o cozinheiro? Ele nem se moveu para fazer o tal jantar. E as insinuações da praia, hein? Como ele diz uma coisa dessas? Não digo que não fosse uma boa idéia - transar na praia - mas não preciso das sugestões dele."

- "Mas aquela foi boa, não foi? Bem, é realmente incrível que basta o dono sair para acontecer essas coisas. Sai o gato..."

Voltaram para o hotel. Ivo tentou agarrá-la na praia, talvez incentivado pela sugestão do cozinheiro e pelo vinho. Francisca ainda estava sob a impressão daquela longa noite e não quis. Continuaram a andar em silêncio, ouvindo as ondas. Tinha recomeçado a chover, mais neblina densa do que gotas discretas. Ao avistar as luzes do hotel, Francisca disse que seria melhor que seguissem direto para o quarto. Não queria ver aquelas pessoas, não queria falar com eles, não queria beber mais nada. E de repente:

- "Vamos embora, vamos para São Paulo, vamos pagar e cair fora, tenho medo desse lugar, dessa gente..."

- "Está louca? A esta hora? Acha que vou dirigir na chuva e neblina depois de não sei quantas caipirinhas e uma garrafa de vinho? Não está vendo que é meia-noite e tanto? Vamos lá, ninguém vai nos matar... Está bem, vamos direto para o quarto, afinal a porta tem tranca, não viu? Além da fechadura tem uma espécie de tranca. Fique

sossegada."

Francisca se acalmou. Já estavam com a chave no bolso, e, pisando silenciosamente, subiram a escada e foram para o quarto.

Enquanto havia luz Francisca sentiu-se reconfortada. Fizeram rapidamente as malas, contaram e separaram o dinheiro para a conta.

A escuridão. A nucleação do medo.

Ivo procurou-a, com impaciência estranha. Como um grande animal marinho, que sugasse todo o mar e todo o prazer nele dissolvido. No escuro, era só movimento invisível, mas que a esmagava, tirava sua respiração, mergulhava nela como uma grande baleia procurando o fundo dos mares.

E de repente o sono, vindo como uma onda escura. E, no sono, a dimensão do sonho.

Parecia-lhe estar na clareira de uma floresta, a floresta de Hansel e Graetel, como sua mãe a descrevera há tantos anos. Uma fogueira ardia no centro e iluminava debilmente, de reflexos vermelhos, as árvores que formavam um círculo em seu redor. E, de repente, lhe pareceu que essas árvores se aproximavam, rubras, como que incandescentes, prontas a lhe queimar e consumir o ar que respirava. Ora eram árvores, ora eram rostos: o cozinheiro, que agora olhava para ela, a camareira, que parecia ter introjetado o fogo em seus olhos. O terceiro homem ria e ria sem parar. No canto da clareira havia um muro. Um homem vestindo um longo

sobretudo estava virado para o muro, parecia se

encostar nele com os dois braços, ou estava

tentando empurrá-lo. Tangida pelas

árvores que continuavam a fechar seu

cercos, Francisca se aproximou do

homem. Quando chegou perto,

viu que suas roupas estavam em

trapos, os sapatos rasgados, o

cabelo despenteado, grisalho.

Francisca estendeu o braço e

tocou o ombro do homem,

que começou a se virar

devagarinho, muito devagar.

Virava o corpo todo, como

um bloco, e de repente ela viu

que era Ivo. Ele devia ter uns

vinte anos a mais e estava

chorando...seus lábios se

moveram e...

- "Francisca."

O chamado foi como um grito

urgente, vindo de fora. Atravessou o

sono e a vigília e a despertou. Durante uma

fração de segundo ainda ouviu as últimas



vibrações dos sons que formavam seu nome. A voz não era de Ivo, parecia até ter um sotaque estrangeiro. Talvez tivesse se alterado ao atravessar a terra estranha que separa o sono do despertar, terra tão semelhante à que separa a vida da morte. Por fim Francisca percebeu que ninguém a tinha chamado. Que era um sonho, agora tão longe como a mais distante estrela. Ivo dormia a seu lado, respirando de modo irregular. Roncando às vezes, assustador em sua imobilidade. Instintivamente Francisca se afastou dele, mas tão logo levantou a cabeça do travesseiro sentiu enjôo e escuridão rodou em seu pensamento. A vertigem desceu para o estômago e ela sentiu o vômito crescendo dentro de si. Com os olhos um pouco mais acostumados à escuridão, pareceu-lhe discernir o requadro da janela - por talvez filtrar as luzes do jardim. Do lado oposto à janela ficava o banheiro, mas não houve tempo para chegar até lá: Francisca tropeçou em algo, caiu, e vomitou no chão - em espasmos doloridos, como o parto de um monstro. Finalmente abriu os olhos e, tremeluzindo através das lágrimas que lhe enchiam os olhos, viu uma luz. O chão era de ripas de madeira e no espaço entre elas filtrava a luz do cômodo de baixo. Ela logo percebeu que se tratava da sala de estar, estavam em cima da sala de estar. Ouviu vozes e risos abafados. Encostou o olho na fresta, mas não havia ângulo suficiente de visão. Pareceu-lhe ver um corpo nu, movendo-se como uma cobra, mas talvez se tratasse de sua imaginação, ou era o sonho, retornando após circular por aquela terra estranha. Terra de ninguém, mas que todos atravessariam um dia. Mas as vozes eram bem reais, era uma espécie de canto, ou eram sussurros ou queixumes, ou... ou... Pois os três ainda estavam lá. Em Francisca nasceu o terror que subissem, arrombassem a porta, entrassem, e...

Temia...

Desejava...? (Quem sabe de si?)

Voltou para a cama. Longe da luz estrangulada pela fresta sentia-se mais segura. Ah, o tempo que ficou - de olhos abertos - olhando para a escuridão, ouvindo os murmúrios confusos que atravessavam o pavimento, tendo a impressão de que este não existia e que ela mesma estava lá, flutuando no ar, oferecida aos olhos dos que a espiavam - Francisca não sabe. Apenas quando as frestas da janela começaram a se tingir de cinza e o primeiro pássaro cantou é que conseguiu dormir. Um sono sem sonhos, que em nada se diferenciava da morte.

Acordaram aí pelas nove, a janela filtrando uma luz forte, que urgentemente se espremia pelas venezianas e desenhava longos bastões de luz no chão do quarto. O dia estava maravilhoso, ainda fresco da chuva noturna mas claro no céu e no mar, este novamente reduzido a manso lago. Desceram e encontraram Marcel, que os chamou de "mes petits", e lhes serviu ele mesmo o café da manhã. Ivo ajeitou a cadeira para Francisca sentar-se à mesa, num gesto pouco usual. Não viram mais ninguém no hotel.

O Gol pegou alegremente, com um som impaciente após tanto repouso sob os chapéus-de-sol, que o tinham decorado de folhas e de flores. Passaram pela vila, voltaram ao ferry-boat e gostosamente dispararam serra acima. Só pararam em São José dos Campos para comer alguma coisa, comprar jornais, dar uma olhada por aí - é sempre gostoso flanar, fazendo nada, em um dia de semana, passar para o lado de lá do espelho em que se refletem monotonamente todos os nossos dias. Conversaram alegremente - retomaram assuntos passados, falaram do trabalho que os esperava, sorriam e se davam as mãos. Mais de uma pessoa os olhou, e levou consigo um pouco da alegria que eles encarnavam.

Não mencionaram a noite passada, e o não dito não existe.

Nas proximidades de São Paulo, Francisca se voltou sobre o assento para olhar o companheiro. Sem ele perceber. Ela matutou como Ivo era bonito, muito, e que talvez viesse a fazer parte de sua vida. Reparou como seus movimentos eram gentis, como pareciam se comunicar ao carro, que deslizava suavemente, sem esforço, pela estrada. Seu modo de guiar era como seu modo de ser - suave e tranqüilo. Francisca fechou os olhos e imaginou que a noite passada não tinha existido. Voltou a olhar a estrada, o movimento quase fluido dos caminhões, dos outros carros, a vida como um rio de amplas margens. Os músculos da barriga ainda doíam, mas muito pouco, e logo tudo podia ser esquecido. O dia era de sol e luz. Parecia que tudo ia dar certo.

Mas, ao avistar os acinzentados edifícios da cidade, Francisca teve a certeza de que logo mais, algum dia, toda aquela luz iria se fraturar em negras sombras separadas, que em breve coalesceriam numa grande escuridão.

E assim para sempre. Pelo menos para o sempre provisório que nos é concedido.

* Maurício Ferrante - Professor da UFSCar e autor, entre outros contos, de Uma Curta Viagem de Núpcias.